

## LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE HUMANIZAÇÃO.

Vitória Ribeiro Nascimento <sup>1</sup>  
Heloisa Helena Duval de Azevedo <sup>2</sup>

### RESUMO

A proposta do Letramento Literário, fundamentada nas contribuições de Rildo Cosson e inspirada nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, orienta a prática pibidiana ao compreender a alfabetização como um processo que ultrapassa a simples decodificação da linguagem escrita e promove a formação crítica. A literatura é entendida como ferramenta de desenvolvimento da leitura e da escrita e também como meio de aproximar o estudante de suas vivências, permitindo que ele reconheça sua própria realidade nas narrativas trabalhadas. A partir das intervenções realizadas com a turma das Etapas Iniciais da EJA na Escola Municipal Bibiano de Almeida, em Pelotas, o grupo desenvolveu uma dinâmica baseada em leituras semanais de obras infanto-juvenis, seguidas por rodas de conversa e reflexão coletiva. Essas práticas buscaram estimular a interpretação, o diálogo e a relação entre o texto e as experiências pessoais dos alunos, fortalecendo o protagonismo e a participação. Ao longo de 2025, foram abordadas temáticas como raça, classe, gênero, diversidade e identidades culturais, considerando as trajetórias de estudantes que tiveram seu acesso à educação interrompido. O letramento literário mostrou-se uma estratégia de acolhimento e valorização das vivências dos alunos, contribuindo para ampliar o vocabulário, o interesse pela leitura e o envolvimento nas atividades. Dessa forma, a alfabetização assume um papel transformador, tornando-se uma ferramenta de expressão, compreensão e construção de interpretações sobre o mundo. Esse processo reforça a importância de práticas pedagógicas que reconheçam os estudantes como sujeitos ativos, capazes de interpretar, questionar e ressignificar suas experiências. Por meio do contato com a literatura os alunos passam a ser capazes de reforçar sua autonomia, confiança e seu vínculo com o conhecimento, além de sentirem-se encorajados a permanecer no espaço escolar e participar de forma mais ativa das construções coletivas do mesmo e de sua comunidade.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos, Pedagogia, Letramento Literário.

### INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho objetiva discutir o conceito de Letramento Literário e seu uso enquanto ferramenta de humanização e conscientização social e política de alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir das observações e práticas vivenciadas em uma turma de EJA, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia, UFPel.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [vitoriarnasc@gmail.com](mailto:vitoriarnasc@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora pelo Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS, [profa.heloisa.duval@gmail.com](mailto:profa.heloisa.duval@gmail.com);



A abordagem teórica se fundamenta nas contribuições de Rildo Cosson, que aborda o conceito de letramento literário enquanto ferramenta humanizante e social de alfabetização e a importância da leitura na formação do indivíduo, e Paulo Freire, o qual discute o papel indispensável da leitura na criação de indivíduos política e socialmente conscientes e capazes de engajar ativamente com suas realidades de forma crítica.

É indispensável a compreensão de que ao trabalharmos com alunos na modalidade EJA (Ensino de Jovens e Adultos) nós estamos, muitas vezes, trabalhando com indivíduos que tiveram seu acesso à educação negado em razão de fatores e estruturas sociais, econômicas e políticas. Logo, não trata-se apenas de retomar conteúdos ou desenvolver habilidades como a escrita, a leitura ou a matemática, mas sim de reinserir na vida social pessoas que foram impedidas de acessar um direito que deveria ser inviolável segundo nossa própria Constituição Federal. É uma tarefa de defesa da dignidade desses indivíduos, de consertar os erros de uma sociedade que falha no combate da miséria, da marginalização e da segregação de seus cidadãos.

Garantir que os alunos adquiram a habilidade de relacionar-se com seus entornos, de analisar criticamente fenômenos que os cercam, de posicionarem-se de maneira firme, crítica e embasada deve ser o fio condutor de qualquer trabalho executado na EJA (Educação de Jovens e Adultos), e isso só é possível quando compreendemos que cada aluno nestes espaços carrega uma bagagem própria, uma história que os moldou a serem quem são. Quando percebemos que a sala de aula não pode ser apenas um contexto de transferência inata de conhecimentos, também percebemos que só somos capazes de humanizar aqueles que reconhecemos enquanto humanos em primeiro lugar.

Não podemos falar de Pedagogia sem falar de *humanização*. Não podemos falar de pedagogos e pedagogas sem falar sobre responsabilidade social e consciência política pois o que diferencia um educador de qualquer outra pessoa capaz de transferir conhecimentos é, justamente, a capacidade de apresentar os conteúdos e habilidades trabalhados de forma a realmente acessar a realidade dos alunos, de forma a realmente transformar a forma como aquele indivíduo passa a interagir com seus entornos ao deixar seu espaço de aprendizado. No entanto, o avanço da mentalidade individualista neoliberal e a da mercantilização do saber vêm corrompendo tal papel, desencorajando a prática pedagógica que transforma, que questiona, que nomeia opressões e levanta debates que mobilizam ações de transformação da realidade.

O letramento literário neste contexto representa a oportunidade de reconectar educador e educando, de aproximar vivências e reposicionar humanos no centro das práticas de ensino.



É a ferramenta que através dos livros, das poesias, dos gibis, das fábulas e cantigas devolve o senso de pertencimento a um algo maior do que a própria experiência individual. E, em tempos de tecnologias avançadas, conteúdos virtuais de consumo rápido e simplificado e de inteligências artificiais, o letramento literário torna-se também um resgate às artes humanas, às palavras com profundidade e aos saberes que demandam atenção, foco e reflexão.

## **METODOLOGIA**

De acordo com SEVERINO (2013), a pesquisa participante “é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades” (SEVERINO, 2013, p. 104). Com isso em mente, A construção desse trabalho deu-se a partir dos dados e relatos de experiência construídos e coletados ao longo do trabalho vinculado ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) subprojeto Letramento Literário na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e nos Anos Iniciais, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

As alunas do PIBID desenvolveram e aplicaram suas propostas pedagógicas na Escola Municipal Bibiano de Almeida, localizada também em Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, onde trabalharam com a turma das Etapas Iniciais da EJA com encontros semanais voltados a atividades de alfabetização que levassem em consideração o conceito de Letramento Literário. Assim surgiram os momentos de leitura, batizados de “Hora do Conto”, seguidos por rodas de conversa que visavam apresentar os alunos a diferentes temáticas sociopolítico-culturais e, posteriormente, compreender e estimular a forma como os mesmos interagem com as problemáticas levantadas.

Ao longo do desenvolver destas propostas, as *pibidianas* mantiveram diários de campo nos quais registravam as experiências em sala de aula adicionando suas próprias perspectivas e comentários, além de registros fotográficos. Por fim, tais experiências eram compartilhadas com outros núcleos do PIBID durante as reuniões, também semanais, do projeto ou em eventos da própria Universidade Federal de Pelotas a fim de encorajar graduandos de outros cursos e áreas a pensar na EJA.

Os apontamentos que seguirão ao decorrer desse trabalho são resultados diretos do contato com os alunos nos momentos de execução dos planos de atividade e também da própria relação entre as *pibidianas* e *pibidianos* que trabalhavam em grupo para pensar, organizar e desenvolver tais propostas.



## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desse trabalho passa pelos escritos de Rildo Cosson e Paulo Freire. Ambos os autores trabalham a ideia de uma Educação humanizante, preocupada em desenvolver indivíduos engajados em suas próprias realidades e não apenas alunos capazes de reproduzir conteúdos sem qualquer abordagem crítica. Cosson traz o aporte teórico da estratégia do letramento literário em si, enquanto Freire traz as análises sociais oriundas da observação do contexto social do Brasil em suas diferentes regiões, classes e culturas.

Segundo COSSON (2006) “a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, [...] porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (COSSON, 2006, p. 30). Ou seja, Cosson defende a ideia de uso social da língua, da linguagem escrita para além da simples decodificação de símbolos. Ora, se a língua escrita está presente em todos os aspectos da vida humana em sociedade, devemos ser capazes de reconhecê-la dentro de nossos espaços de existência e de usá-la como ferramenta de cidadania e participação social. E se a literatura busca inspiração na realidade para contar histórias, podemos usá-la para reconhecer fenômenos, nomeá-los e refletir sobre formas de transformá-los.

Paulo Freire por sua vez nos traz uma perspectiva ainda mais social e política acerca da Educação, com ênfase na perspectiva de que todo educador deve ser capaz de reconhecer seus alunos enquanto indivíduos de identidade e bagagem próprias, isto é, reconhecer seus alunos enquanto centro do processo pedagógico e não apenas como receptores sem nada a agregar a o que está sendo colocado em pauta. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1970) Freire cita:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...] (FREIRE, 1970. p.39)

A compreensão de que um educador não deve colocar-se enquanto figura de autoridade ou superioridade diante seus alunos é indispensável para a construção de uma Educação humanizante. Quando nos retiramos, enquanto professores, do centro daquilo que é construído em sala de aula o que estamos fazendo é possibilitando uma construção coletiva que usufrui



de todas as diferentes perspectivas, histórias e visões de mundo que existem naquele espaço.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do desenvolvimento das propostas pedagógicas na Escola Municipal Bibiano de Almeida o grupo do PIBID Letramento Literário foi capaz de observar uma clara e positiva participação dos alunos da turma de etapas iniciais da EJA. Desde a primeira experiência os alunos engajaram ativamente nos momentos de leitura e discussão, as chamadas “Horas do Conto”, demonstrando interesse no espaço designado para que compartilhassem suas próprias perspectivas.

Duas das obras trabalhadas foram “A Menina que Engoliu o Mundo” (Fê) e “Malala e seu Lápis Mágico” (Malala Yousafzai). A primeira obra levantou discussões acerca de temáticas como racismo ambiental, guerras e conflitos políticos, questões trabalhistas e violências urbanas, enquanto o livro escrito por Malala Yousafzai, ativista pelos direitos das mulheres, direcionou o foco das discussões para questões de gênero e extremismos religiosos. São temáticas que seriam desafiadoras de se trabalhar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental quando tratamos com crianças mas, se tornaram possíveis no espaço da EJA.

Quando o conceito de “racismo ambiental” foi apresentado para os alunos eles rapidamente foram capazes de associá-lo à experiência das enchentes no Rio Grande do Sul no ano de 2024, apontando que bairros majoritariamente negros e periféricos foram fortemente afetados e receberam menos apoio das forças do Estado para sua proteção e posterior reconstrução. Esse é um exemplo claro de como podemos utilizar a literatura, mesmo que infantojuvenil, como porta de entrada para discussões complexas e sensíveis nas quais os próprios alunos contribuem com suas realidades.

Já quando trabalhamos “Malala e seu Lápis Mágico” os alunos, em sua maioria homens, foram levados à refletir sobre a forma como as mulheres a sua volta experienciam a vida em nossa sociedade e em outras realidades ao redor do mundo. Houve um reconhecimento dos papéis de gênero que visam limitar a experiência feminina ao papel do cuidar, ao papel de “dona de casa”, além de uma discussão profunda sobre extremismos religiosos e regimes opressivos como o regime do Talibã.

Também foram apresentados aos alunos elementos e obras literárias conectados à identidade brasileira em si, tendo como maior exemplo a contação de histórias do folclore de diferentes regiões do Brasil. “O Boto-cor-de-rosa” levou o grupo a questionar como e porquê histórias regionais surgem, “O Negrinho do Pastoreio” possibilitou conversas sobre raça e fé,



“O Curupira” abordou o tópico da defesa ambiental. E juntas essas narrativas aproximam os alunos de sua identidade cultural, os levam a lembrar as histórias que ouviam oralmente de familiares, amigos, de suas comunidades.

Por fim, para além dos resultados nas questões de interpretações narrativas e rodadas de discussões, também pode-se destacar o trabalho mais voltado para o exercício da língua escrita propriamente dita a partir de atividades de vocabulário e jogos interativos como bingos, caça-palavras e produção de frases ou pequenos textos. Foi possível observar que, quanto mais familiarizados com o vocabulário das propostas de atividade, mais os alunos demonstraram facilidade em reproduzir e utilizar as palavras expostas dentro de diferentes contextos pedagógicos.

as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 1989, p. 13).

Quando os alunos passam a ser capazes de se enxergar na literatura que consomem, seja por experiências próprias ou por finalmente compreenderem o contexto por trás de experiências que nunca vivenciaram, eles passam a interagir ativamente com a mesma. Quando compreendem que histórias não são escritas em um vácuo, mas sim refletidas de uma realidade material que nos cerca mesmo que não a vejamos claramente, também passam a compreender que possuem o poder de alterar tal realidade, de escrever suas próprias histórias sob sua própria perspectiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento literário, ao decorrer da prática pibidiana com os alunos das etapas iniciais da EJA (Educação de Jovens e Adultos), mostrou-se uma ferramenta efetiva para estimular o gosto dos alunos pela literatura e uma maior inclinação ao hábito de procurar por amparo argumentativo e por diferentes perspectivas de mundo nas obras trabalhadas. Graças à estratégia adotada, a relação das bolsistas com a turma adquiriu um caráter de coletividade e construção mútua de um espaço acolhedor e convidativo, sem a sensação de uma hierarquia dentro de sala de aula que classifique determinadas vivências e lentes de leitura da realidade como “corretas” ou “incorretas.”

A Educação de Jovens e Adultos é muitas vezes, mesmo dentro da própria faculdade de Pedagogia, negligenciada, tratada como uma questão que deve ser deixada para segundo



plano ao longo do desenvolvimento de teorias e práticas pedagógicas, e o resultado disso traduz-se também na realidade material e observável da sociedade brasileira. Ora, se nem mesmo os profissionais da área de Educação demonstram interesse em acolher uma parcela tão vulnerável da sociedade, por que a população como um todo deveria? Qual a mensagem que enviamos quando negligenciamos a EJA em nossos próprios espaços de desenvolvimento profissional? E, como consertamos essa negligência?

É preciso retomar a clareza de que a negação ao acesso à Educação para uma parcela específica da população brasileira (majoritariamente a população pobre, trabalhadora, negra e periférica) não é um erro de percurso ou um descuido dos poderes do Estado, mas sim um projeto. E resistir a esse projeto de segregação e negação de direitos à essa parcela é honrar a responsabilidade que carregamos ao escolher uma graduação na área da Educação, é defender o direito humano de poder pensar, argumentar, criticar e interagir com o mundo portando as ferramentas necessárias para combater a alienação. Olhar para a EJA é, por si só, um ato político.

O conhecimento — mais especificamente a capacidade de nomear fenômenos e algozes sociais — cria nos alunos um senso de comunidade, uma ferramenta de combate à solidão imposta pelo individualismo neoliberal moderno. Quando utilizamos a literatura neste cenário não estamos apenas levando exemplos da linguagem escrita ou oferecendo um momento de “descanso” do aprendizado, mas sim oferecendo aos alunos uma representação material e palpável do quanto suas histórias realmente importam e merecem ser contadas, combatemos a noção meritocrática e desonesta de que aquilo que enfrentam são problemas individuais, causados unicamente por suas próprias escolhas e não por estruturas políticas, econômicas e sociais que condenam determinados grupos à marginalização e ao desamparo.

Sendo assim, apenas através de uma abordagem pedagógica humana e de caráter emancipador é que podemos, de fato, apresentar a Educação enquanto ferramenta de transformação da ordem social. A mera transmissão de conhecimentos sozinha não altera a realidade, é necessário organizar e orientar a forma como os alunos se portam e reagem diante dos desafios que enfrentam ao pisar fora da sala de aula, lembrá-los de que o primeiro passo para qualquer transformação material é reconhecer estruturas de opressão e aprender a nomear fenômenos concretos, sem cair em discursos superficiais de transformação fácil ou desvios de culpa por parte daqueles que controlam as narrativas hegemônicas de sociedade.

Já dizia Freire (1970) “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, e quando a educação não é humanizante, o oprimido sequer consegue sonhar.



A Educação de Jovens e Adultos precisa ser, antes de tudo, um espaço de reabilitação destes sonhos e de retomada do contato real, engajado e transformador com o mundo à nossa volta.

## REFERÊNCIAS

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

